

CORPOS MEDIA(ÚNICOS) NO RITO DE JUREMA

Media(mistic) bodies in the Jurema rite

Cuerpos media(úmnicos) en el rito de Jurema

Hertz Wendell de Camargo¹
Jobson Rios dos Santos²

DOI: doi.org/10.31501/esf.v1i35.15492

Resumo: Este ensaio tem como objetivo refletir sobre a função comunicacional dos corpos mediúnicos numa gira de Jurema, enfatizando como esses corpos, capturados em imagens, expressam mitos, afetos e experiências do imaginário religioso. A curadoria partiu dos registros fotoetnográficos da pesquisa “Dikenga Dia Kongo e as ancestralidades narrativas no ritual de Umbanda e Jurema” (2024). O ensaio destaca uma efetiva mitopoética religiosa, criada por meio de deuses em corpos *media(únicos)* que dançam.

Palavras-chave: Religião. Corpos. Jurema. Rito. Mitopoética.

Abstract: This essay aims to reflect on the communicational function of mediumistic bodies in a gira (ritual gathering) of Jurema, emphasizing how these bodies, captured in images, express myths, affections, and experiences of the religious imaginary. The curation is based on the photo-ethnographic records from the research “Dikenga Dia Kongo and Narrative Ancestries in the Rituals of Umbanda and Jurema” (2024). The essay highlights an effective religious mythopoetics, created through gods in *media(mistic)* bodies who dance.

Keywords: Religion. Bodies. Jurema. Ritual. Mythopoetics.

Resumen: Este ensayo tiene como objetivo reflexionar sobre la función comunicacional de los cuerpos mediúmnicos en una gira (reunión ritual) de Jurema, enfatizando cómo estos cuerpos, capturados en imágenes, expresan mitos, afectos y experiencias del imaginario religioso. La curaduría se basa en los registros fotoetnográficos de la investigación “Dikenga Dia Kongo y las Ancestralidades Narrativas en el Ritual de Umbanda y Jurema” (2024). El ensayo destaca una mitopoética religiosa efectiva, creada a través de dioses en cuerpos *media(úmnicos)* que bailan.

Palabras-clave: Religión. Cuerpos. Jurema. Ritual. Mitopoética.

¹ Doutor, Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba - PR, Brasil. hertzwendel@gmail.com | <https://0000-0003-4639-0553>.

² Mestre, Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa - PB. jobsonrios@gmail.com | <https://0000-0002-4987-7140>.

Entremeios: corpos entre dois mundos

Há muito tempo, o campo da comunicação flerta com os estudos culturais. No entanto, é no efetivo contato entre os campos da Antropologia e da Comunicação que pesquisas ganham múltiplas dimensões revelando e explorando camadas dos fenômenos culturais que antes não eram percebidas quando observadas exclusivamente de suas respectivas searas. Este ensaio fotoetnográfico surgiu a partir da curadoria dos registros da pesquisa “*Dikenga Dia Kongo* e as ancestralidades narrativas no ritual de Umbanda e Jurema”, desenvolvida em estágio pós-doutoral no Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba. A pesquisa buscou unir olhares, métodos e conceitos desses dois universos (Antropologia e Comunicação) para interpretar manifestações religiosas brasileiras onde ocorre o transe mediúnico. O estágio em João Pessoa teve como objetivo a observação participante de ritos de Jurema, incluindo a revisão de literatura, entrevistas com os líderes juremeiros e registros fotográficos e videográficos.

Sobre a história da Jurema, pode-se afirmar que,

[...] embora tenha origem ameríndia, é uma religião híbrida. No século XVI, quando da conquista e exploração do território brasileiro pelos portugueses, cronistas de diversos países notificaram a existência de cultos com caráter religioso, praticados pelos silvícolas do Brasil, envolvendo danças, adornos com penas e uma espécie de transe ou “possessão” durante os rituais (Lima, 2020, p. 49).

Deste modo, o ensaio tem como objetivo refletir sobre a função comunicacional dos corpos mediúnicos numa gira de Jurema, enfatizando como esses corpos, capturados em imagens, expressam mitos, afetos e experiências do imaginário religioso.

Religiões onde o transe está presente (Umbanda, Jurema, Candomblé, Espiritismo) apresentam o corpo do médium como um campo de tensões espirituais e físicas, mas não desvinculado de

atravessamentos políticos, culturais e simbólicos. As palavras *médium* e *mídia* possuem a mesma etimologia, do latim *medium*, portanto, interpretamos que o corpo mediúnico é o principal meio de conexão entre a realidade e o imaginário, dois mundos. Corpo em amplo sentido: no individual – membros, tronco, cabeça, cérebro, psique – e no coletivo – corpo comunitário, o conjunto de corpos do grupo religioso, o corpo amalgamado entre vivos e mortos. Dentro de uma perspectiva ontogenética da comunicação, voltada às experiências humanas mais primárias e fundadoras do ato de comunicar, é fundamental compreender que a comunicação não começa com a fala articulada, a escrita ou os sistemas simbólicos complexos. Ela emerge, antes de tudo, *no* e *pelo* corpo, entendido como o primeiro meio de expressão e mediação com o mundo. “O homem nasce pela comunicação. Ele é o resultado de forças comunicantes. Ligação, mediação, compreensão, transação tornam a vida individual possível. O fim da comunicação chama-se morte” (Pross, 1970, *apud* Baitello Junior, 2003, p. 08). Na linguagem juremeira, a morte não é o fim e a comunicação renasce na mitopoética dos mundos do Juremá.

O que presenciamos no ritual registrado é, justamente, corpos mediúnicos em sua função primordial de ponte entre mundos e expressão de um inconsciente não individual, mas cultural, que ganha sentido no ritual, entre seus pares, no ambiente coletivo, partilhado entre médiuns e assistência (público visitante do terreiro). No ritual observado, os corpos são, ao mesmo tempo, plurais (enquanto mediadores) e singulares (únicos no seu papel de canalizar as individualidades). Desse encontro dialético entre o individual e coletivo, nasce símbolos de pertencimento, por isso os chamamos de “*corpos media(únicos)*”. Na leitura de Baitello Junior (2003) sobre visão de Pross, o corpo é a mídia originária de todas as outras mídias, pois ele diz antes de falar, comunica antes do signo e media antes da mídia. Essa perspectiva é potente para pensar rituais religiosos, performances mediúnicas e fenômenos espirituais, pois nos mostra que a comunicação com o sagrado também é material, sensível e encarnada no corpo.

Deste modo, é por meio dos corpos juremeiros que podemos observar o imaginário humano em ação, corpos que dançam, caminham, gesticulam, falam, enfim, que se comunicam. O ensaio fotográfico selecionado é referente a um dos campos de pesquisa, a casa *Ilê Axé Omi Oriré Ti Oxum Ati Ayrá*³ – Casa de Jurema da Rainha Salomé e Candomblé de Nação Ketu, localizada no bairro Cidade dos Colibris, em João Pessoa, PB, sob a gestão do líder juremeiro⁴ Pai Juan. O registro foi realizado em dupla formada no dia 11 de julho de 2024.

Para os registros fotográficos em todos os campos de observação, optamos por uma fotoetnografia marcada por uma *poiesis* de essência heideggeriana no sentido de ir além do ato de “produção” do registro fotográfico, um processo que escapa à técnica e envolve uma revelação da essência do objeto fotográfico (Heidegger, 2014). No recorte da pesquisa, representado pelas imagens selecionadas para este ensaio, traduzimos a poética em imagens desfocadas, com muitos jogos entre luz e sombra, trêmulas e nebulosas, buscando captar a atmosfera dos sentidos despertados pelo ritual. Para alcançar esse conceito, nos permitimos ser invadidos pela experiência de adentrar o espaço sagrado e dançar junto com os deuses para traduzir em “imagens visuais” a atmosfera multissensorial da ritualística juremeira cruzada por imagens de várias naturezas (sonoras, olfativas, táteis, proprioceptivas, musicais, arquetípicas, míticas, sociais, em sua maioria imagens invisíveis) despertadas pela experiência ritual. Uma câmera incorporada pela humanidade dos fotógrafos e estes afetados pela experiência.

Nietzsche (2018) diz não acreditar em um deus que não dança. Não é o que acontece nas casas paraibanas de Jurema. Naqueles espaços, os deuses – mestres e mestras, caboclos e caboclas – não só dançam, mas também festejam, confortam, orientam, conversam, curam corpo, mente e espírito. Na

³ “Casa da Força das Águas da Boa Sorte de Oxum e Ayrá”, em iorubá. A expressão “ilê axé” é usada para o conceito de “terreiro”, e significa “casa da força”, segundo o líder da casa.

⁴ Como foram encontradas uma série de designações das lideranças religiosas da Jurema como pais e padrinhos, mães e madrinhas e até mestres e mestras, optou-se pela expressão de “líderes juremeiros” para especificar os gestores das casas de Jurema e não confundir com designações mais relacionadas à umbanda e candomblé.

encruzilhada imaginal das brasilidades religiosas, a Jurema paraibana e a Umbanda curitibana seguem como duas linhas paralelas, cada uma vive suas próprias vocações. Duas linhas que se encontram no infinito do imaginário, muitas vezes, dançando com os mesmos deuses. Uma dança essencialmente circular, praticada na roda, na gira, elevando o cotidiano ao divino e baixando o divino no cotidiano. O imaterial se torna palpável, audível, visível por meio dos corpos de médiuns, devotos e dos olhares dos curiosos. Tudo nessa prática central da Jurema nos remete ao símbolo da totalidade, o passado e o presente se reencontram, os vivos e os mortos são um só, o imaginal se torna realidade. Tudo se movimenta, dança, por meio de corpos fetichizados por seus patuás, turbantes, chapéus, colares, camisas estampadas, saias rodadas e vestidos de chita.

Logo, em diferentes momentos, os filhos da casa cantam para os caboclos, as caboclas, mestres e mestras, e o Rei de Urubá⁵. Até o fechamento, a gira tem duração média de duas horas. O ensaio retrata o ritual da Jurema Batida, uma das três categorias de culto dessa religião.

[...] na Jurema de Mesa, os médiuns, sentados, invocam as entidades por meio de pontos-cantados; na Jurema Batida, os médiuns dançam – ao som de ilus, afoxés, triângulos, pandeiros e agogôs –, vestidos geralmente de branco ou de roupas coloridas feitas de chita; já na Jurema de Chão, os médiuns ficam sentados em tamboretes ou no chão, entoam pontos-cantados e recebem suas entidades que, nesse caso, não dançam (Lima, 2020, p. 51).

Os ritmos constantes do *ilú* (tambor de origem africana) e, principalmente, da *maraca* (de origem indígena) possuem a função de invocar a energia e a presença dos ancestrais. Sobre o movimento dos juremeiros no sentido anti-horário, Pai Juan diz que a gira “é uma máquina do tempo, onde a gente volta no tempo e tem contato com pessoas que viveram, que existiram nesse nosso território, mas em um

⁵ O Rei de Urubá é uma entidade associada a sabedoria e poder. É um dos encantados do panteão da Jurema Sagrada e da Pajelança, evocado em busca de orientação, cura e proteção (cf. Pai Juan).

tempo muito anterior. É um retorno não só ao poder magístico, mas também à história, ao cotidiano, aos costumes de antigamente”.

[...] podemos inicialmente dizer que o culto da jurema é um culto de possessão, de origem indígena e de caráter essencialmente mágico-curativo, baseado no culto dos “mestres”, entidades sobrenaturais de que se manifestam como espíritos de antigos e prestigiados chefes do culto, como juremeiros e catimbozeiros (Assunção, 2006, p. 19).

É nessa volta ao passado que encontramos o padrinho, seu Manoel Vaqueiro, a entidade mestra da casa. E cruzamos com a força da mestra Maria do Bagaço, bebendo, rodando e encantando com sua saia de chita colorida e chapéu enfeitado com laço alaranjado. E todos seguem, ora entregues à dança, ora envoltos pela “fumaçada”. A fumaça é elemento fundamental para a sacralização do rito e ganha vários sentidos. “É algo que a gente não consegue tocar, não consegue ter, não é palpável, mas que a gente sabe da existência. Assim como o espírito, assim como a entidade. É uma das formas da gente de se comunicar”, explica Pai Juan. O catimbó (o cachimbo) é usado do princípio ao fim da ritualística.

Na roda, as cores se confundem e o branco espiritual nasce de todos os matizes. Nesse molejo de deuses dançantes, a transposição entre o real e o imaginário ocorre na continuidade entre os corpos e os espíritos. Entre o transe, a euforia e a glossolalia, uma nova linguagem coreografa uma fala manifestada por estados emocionais intensos. No véu que separa o mundo visível do invisível, nossa humanidade, nossos corpos e tudo o que nos cerca tornam-se canais de sentidos simbólicos. Nesse contexto, o corpo mediúnico incorpora aquilo que professamos como nossa vida sobrenatural.

Da mesma forma que a Umbanda, a Jurema é exusíaca, lugar de encruzilhadas, onde “o cruzo versa-se como atravessamento, rasura, cisura, contaminação, catalisação, bricolagem” (Rufino, 2019, p. 18). Por fim, as imagens confirmam o que a observação participante revelou: mesmo distantes

geograficamente, existe uma genealogia somada a um efetivo intercâmbio de mitos, ritos e pulsões comunicativas, sobretudo, entre as ritualísticas da Jurema e da Umbanda. Em ambas, o mundo dos mortos e o mundo dos vivos – *ku nseke* e *ku mpemba* (Fu-Kiau, 2024) se encontram no espaço da gira no qual, em movimento circular, os corpos recriam ou revivem os estágios cosmológicos do *Dikenga Dia Kongo*.

[...] configurando a complexa imagem-conceito de uma cruz (*yowa*), cujas extremidades demarcam o não visto (*musoni*), o que desponta (*kala*), o que chega ao cume de uma realização (*tukula*) e o que se desintegra de uma fisicidade visível (*luvemba*) (Santana, 2022, p. 156).

Ao observar elementos de diferentes religiões brasileiras presentes na gira de Jurema retratada nas imagens deste ensaio, “podemos caracterizá-la como uma religião brasileira de origem ameríndia e hibridizada com os cultos afro-brasileiros e com o Catolicismo popular” (Lima, 2020, p. 50).

Considerações parciais

O ensaio confirma que a Jurema, mais do que um conjunto de práticas religiosas, constitui uma complexa mitopoética materializada pelo corpo mediúnico encarnando o sagrado por meio da dança, do transe e da performance ritual. Essa corporeidade comunicante transforma o espaço ritual em território imaginal, onde o visível e o invisível, o natural e o espiritual, o ancestral e o presente estão na mesma encruzilhada. Os corpos não apenas representam o divino, eles são o divino em ação, reafirmando a Jurema como espaço de reconexão entre mundos, saberes e existências.

Por fim, embora o foco deste ensaio esteja na dimensão estética, imaginal e poética da Jurema, é importante reconhecer que tais experiências não ocorrem no vazio, mas estão profundamente inseridas nas dinâmicas sociais, afetivas e políticas da comunidade que as praticam. O terreiro estudado ajuda na

organização da vida comunitária, reforça as redes de solidariedade e constitui um espaço de pertencimento, resistência e cura coletiva.

Neste sentido, o impacto social da Jurema ultrapassa o plano simbólico/religioso e se manifesta em práticas concretas de cuidado, justiça social e reconfiguração das subjetividades marginalizadas. Na observação participante, pudemos acompanhar práticas como o preparo coletivo dos elementos rituais, a divisão das responsabilidades entre membros da casa, as trocas de saberes e a construção de uma identidade partilhada. Tudo constitui dimensões comunitárias fundamentais que tecem um tecido social singular e potente, sobretudo em territórios historicamente atravessados por desigualdades sociais, raciais e culturais.

Figura 1 – Entrada da casa de Jurema com palhas-da-costa para limpeza espiritual. A palha cumpre sua função quando os médiuns e os visitantes passam pela porta e a palha “varre” suas cabeças. (Foto: Jobson Rios)



Fig. 01

Figura 2 – Firmeza com tronco de Jurema. A firmeza é uma estrutura espiritual e simbólica para proteção, alimentação energética e ligação entre os praticantes e os encantados (espíritos cultuados). A planta conhecida como jurema preta (*Mimosa tenuiflora*) cresce na caatinga, possui princípios psicoativos e dá nome à religião e é central nos rituais. As várias utilizações da jurema preta “remonta a pajelança e ao toré, ambos regimes religiosos que fundamentam a estrutura indígena do sagrado” (Rodrigues; Campos, 2013).

(Foto: Jobson Rios)



Fig.02

Figura 3 – A cultura material da Jurema é rica, composta por objetos e elementos que têm funções rituais, simbólicas e identitárias. São mais que acessórios de culto, são fundamentais para a experiência religiosa e para a presença dos encantados (espíritos). Incluem bebidas, instrumentos, estatuetas, firmezas, roupas, adornos, indumentárias, árvores no jardim e troncos da jurema e o próprio espaço físico do terreiro. A maraca é um dos principais instrumentos. Os objetos sagrados ficam todos armazenados em uma sala própria, protegida por firmezas e extremamente asseada e organizada.

(Foto: Jobson Rios)



Fig. 03

Figura 4 – Líder juremeiro da casa, Pai Juan, em concentração antes do rito. Ele verifica se tudo está organizado e pronto para o início da gira. (Foto: Jobson Rios)

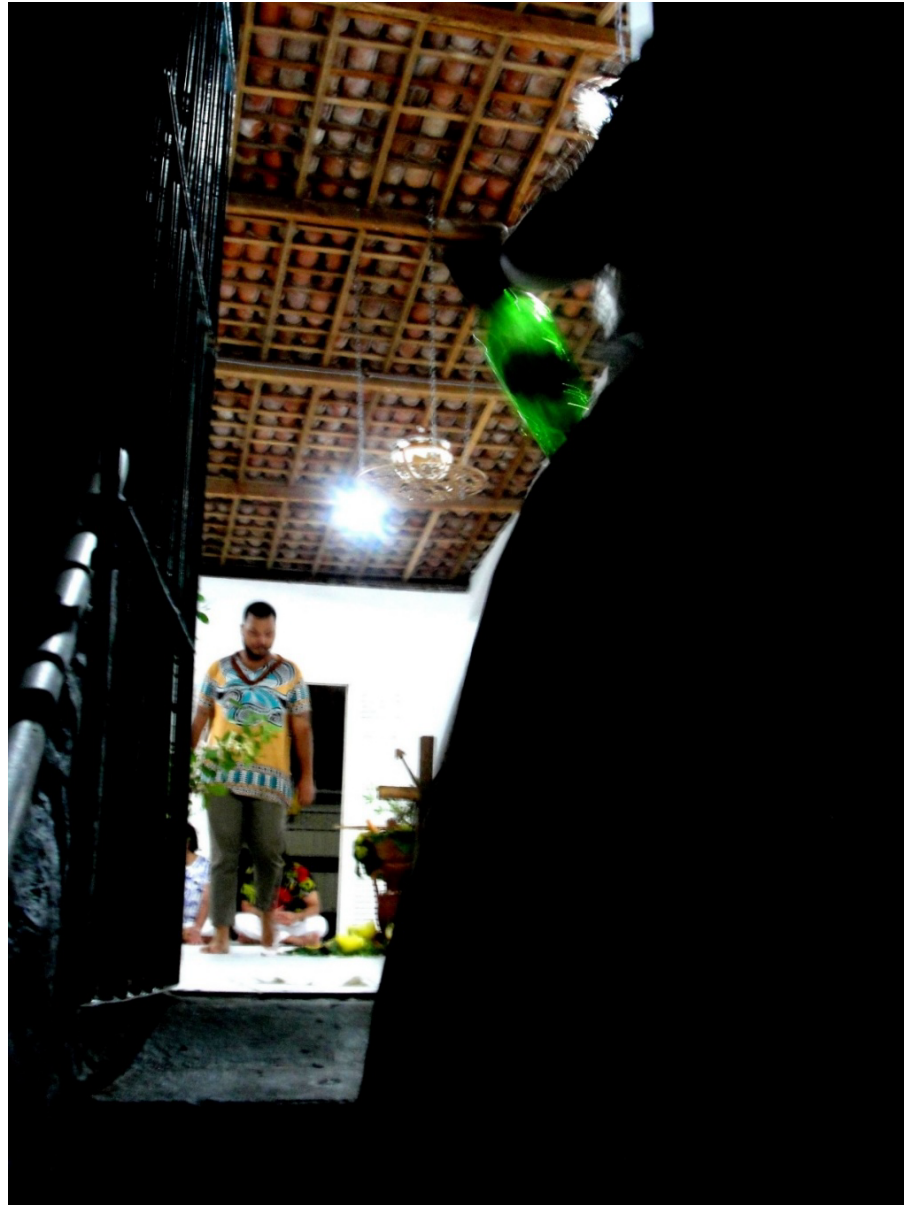


Fig. 04

Figura 5 – A gira de Jurema tem uma disposição que remete aos ritos indígenas. (Foto: Hertz Wendell)



Fig. 05

Figura 6 – O público visitante fica sentado, fora da roda onde se encontram os médiuns. Em muitos casos, algumas pessoas incorporam entidades e acabam adentrando na roda. O cruzeiro no meio da roda revela a presença do Catolicismo popular. (Foto: Jobson Rios)



Fig. 06

Figura 7 – Os corpos dos médiuns se posicionam de formas distintas. Na imagem, o corpo está posicionado como em contemplação, pitando seu cachimbo, imerso num pensamento e numa realidade que não podem ser captados pela câmera. Os encantados, muitas vezes, parecem reflexivos e apenas falam quando é necessário, no momento que alguém solicita uma orientação. (Foto: Hertz Wendell)



Fig. 07

Figura 8 – O mergulho é quando observamos que o corpo mediúnico fica ensimesmado, fechado em si mesmo, ao mesmo tempo em expressão de reflexão ou em aparente diálogo entre médium e encantado. Na imagem, a médium prova um pouco de mel, lambendo os dedos. (Foto: Jobson Rios)

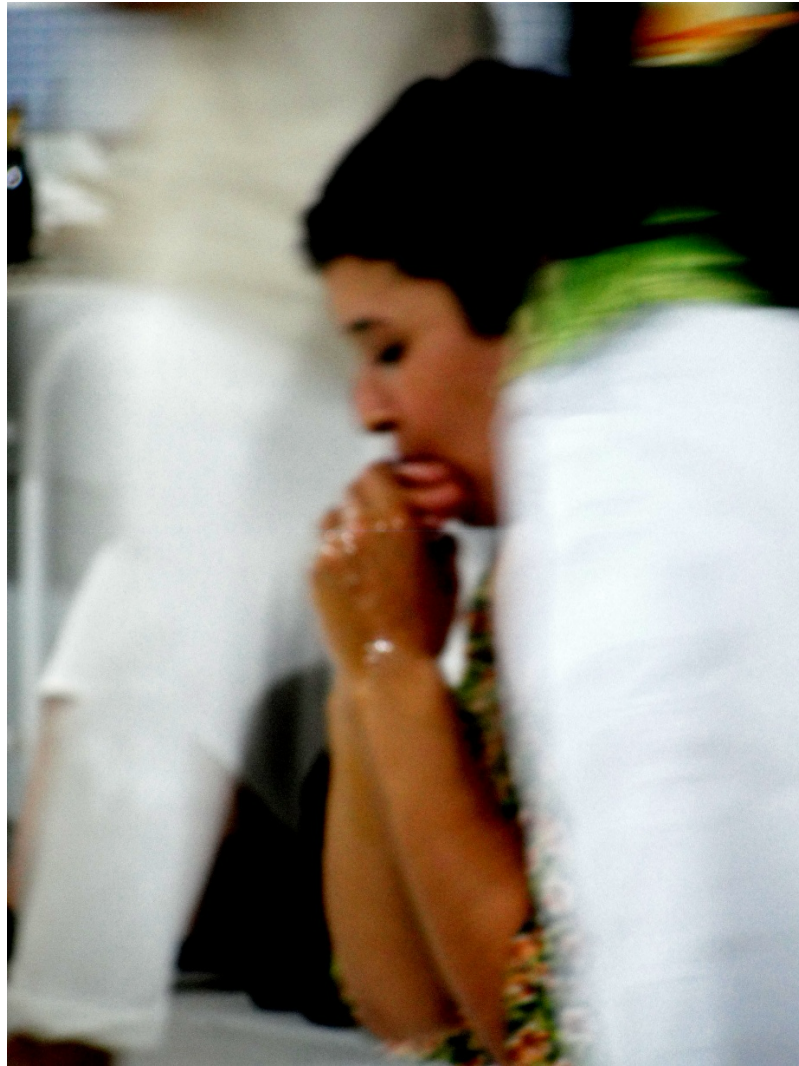


Fig. 08

Figura 9 – Os corpos dos médiuns realizam gestos, movimentos, caminhar e glossolalia que visualmente percebemos como não são pertencentes àquele corpo em seu cotidiano. (Foto: Jobson Rios)



Fig. 09

Figura 10 – Incorporação na gira de Jurema: a encantada Mestra Maria do Bagaço. (Foto: Hertz Wendell)



Fig. 10

Figura 11 – A defumação e os cachimbos são elementos também presentes na pajelança, toré e umbanda.

(Foto: Jobson Rios)



Fig. 11

Figura 12 – Mestra Maria do Bagaço, encantada da Jurema que compõe o vasto panteão espiritual juremeiro. Ela se apresenta com saia de chita colorida e chapéu enfeitado com laço alaranjado, indicando sua conexão com o universo feminino, rural e encantado da Jurema. (Foto: Hertz Wendell).



Fig. 12

Referências

- Baitello Junior, Norval. (2003). Mídia como droga: Laudatio a Harry Pross, em seu aniversário de 80 anos. Ghrebh: *Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia*, São Paulo, n. 4, p. 4-15. Disponível em: https://www.cisc.org.br/portal/jdownloads/Ghrebh/Ghrebh-%204/03_baitello.pdf. Acesso em: 21 jul. 2025.
- Fu-Kiau, K. K. B. (2024). *O livro africano sem título: cosmologia dos bantu-kongo* (T. Santana, Trad.). Rio de Janeiro: Cobogó.
- Heidegger, M. (2014). *Caminhos de floresta* (I. Borges-Duarte, F. Pedroso, A. F. de Sá, H. Loureço, B. Sylla, V. & João Constâncio, Trans., 3ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lima, V. (2020). *Cultos afro-paraibanos: Jurema, Umbanda e Candomblé*. Rio de Janeiro: Fundamentos de Axé.
- Nietzsche, F. (2018). *Assim falou Zaratustra* (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia de Bolso.
- Rodrigues, M. G.; Campos, R. B. C. (2013). Caminhos da visibilidade: a ascensão do culto da Jurema no campo religioso do Recife. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 47. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21284>. Acesso em: 22 jul. 2025.
- Rufino, L. (2019). *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial.
- Santos, T. S. N. Ressonâncias e ontologias outras: pensando com o pensar bantu-kongo. (2022). *Trans/Form/Ação*, 45 (Edição Especial 2), 149-168. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-3173.2022.v45esp.09.p149> . Acesso em: 22 jul. 2025.